



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PARTOS EM MENINAS DE 10 A 14 ANOS, RIO GRANDE DO SUL, 2014-2023.

Juliana Couto Ataydes¹; Taciele Alice Vargas Ferreira¹; Cristina Bernardi¹; Nataly Dal Toé¹; Stéfano de Fries¹; Mariana de Moura Antunes¹; Giulia Werner Moreira¹; Débora Lorenzoni Pires¹; Ana Luiza Raupp de Andrade¹; Elson Romeu Farias².

Graduando em Medicina pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)¹
Docente de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)²

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência; Nascido vivo; Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

A adolescência é acompanhada por transições físicas, psicológicas e sociais. No Brasil, por dia, 1043 adolescentes se tornam mães¹. Essa realidade evidencia a persistência da gravidez precoce no Brasil, destacando a necessidade de políticas públicas voltadas à educação sexual e ao acesso a métodos contraceptivos.

OBJETIVO

Descrever as características dos partos de nascidos vivos, em meninas entre 10 e 14 anos, que tiveram parto no estado do Rio Grande do Sul entre 2014 e 2023, quanto a escolaridade, cor da pele, número de consultas de pré natal, estado civil da mãe e região do parto.

METODOLOGIA

Estudo transversal com dados obtidos da plataforma pública do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS)².

RESULTADOS

Entre 2014 e 2023, no Rio Grande do Sul ocorreram 5.762 partos de nascidos vivos de mães entre 10 e 14 anos, representando 0,4% do total. Houve uma redução de 67% de partos, de 938 em 2014 para 314 em 2023, acompanhando a tendência nacional. A maioria dos nascimentos ocorreu na região Metropolitana (45%), seguida pelas macrorregiões Norte (12%), Serra (10%), Sul (9%), Centro-Oeste (9%), Vales (8%) e Missioneira (7%). Quanto à escolaridade, 98% das mães adolescentes tinham até o ensino fundamental incompleto, sendo que 63,9% possuíam entre 4 e 7 anos de estudo.

Além disso, 41,6% realizaram menos de seis consultas pré-natais, abaixo do recomendado pelo Ministério da Saúde. Referente ao estado civil, 89% das mães eram solteiras e 9,8% viviam em união consensual, enquanto apenas 0,8% eram casadas. Em relação ao tipo de parto, 43,8% foram cesáreas e 56,2% partos normais. A prematuridade atinge 16% dos recém-nascidos, e 13% nasceram com baixo peso, evidenciando maior risco perinatal. Na distribuição étnico-racial, 71,2% das mães eram brancas, 17,4% pardas e 7,8% pretas, com menores percentuais entre indígenas (3,1%) e amarelas (0,1%).

CONCLUSÃO

O estudo evidenciou a grande redução dos partos em adolescentes de 10 a 14 anos no Rio Grande do Sul, mas também destacou a vulnerabilidade dessas jovens, marcada por baixa escolaridade, realização insuficiente de consulta de pré-natal e maior risco perinatal. A predominância de mães solteiras e desigualdades regionais reforçam a urgência de políticas públicas voltadas à educação sexual, ampliação de políticas de saúde sexual e suporte social. Estratégias eficazes são fundamentais para prevenir a gestação nesta faixa, tendo em vista a legislação penal de possível estupro de vulnerável e reduzir seus impactos na saúde.

REFERÊNCIAS

¹BRASIL. Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus>>. Acesso em: 24 mar. 2025.

²BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS – DATASUS. Sistema de informações sobre nascidos vivos. Brasília: Ministério da Saúde, [ano de publicação, se houver]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 mar. 2025.